

DISLEXIA NA SALA DE AULA: CAMINHOS PEDAGÓGICOS PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

DYSLEXIA IN THE CLASSROOM: PEDAGOGICAL APPROACHES TO THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

DISLEXIA EN EL AULA: CAMINOS PEDAGÓGICOS PARA EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE

Girlaynne Michellyne Farias dos Santos¹

Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo geral analisar de que forma a dislexia interfere no processo de ensino e aprendizagem. Logo, busca-se discutir os caminhos pedagógicos que podem auxiliar os professores e as escolas a lidar com esse transtorno em sala de aula. A dislexia é considerada um distúrbio de aprendizagem de origem neurológica que compromete, principalmente, a leitura e a escrita. Esse comprometimento acaba afetando também o desempenho escolar das crianças e dos adolescentes, muitas vezes sem que seja identificado a tempo. Considerando estes aspectos, buscou-se compreender as características que definem esse transtorno e a forma como ele se manifesta no ambiente educativo. Partindo deste pressuposto, o trabalho passa a discutir quais são as estratégias pedagógicas que vem se mostrando eficazes no acompanhamento dos alunos disléxicos. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com levantamento em livros, artigos científicos e outras publicações relacionadas ao tema. Os resultados apontam que a falta de preparo de muitos educadores, somada à ausência de um diagnóstico precoce, ainda representa um dos maiores obstáculos enfrentados pelos alunos com dislexia. Conclui-se que a formação continuada dos professores, aliada às práticas pedagógicas inclusivas e ao trabalho conjunto entre a escola e a família, é de suma importância para garantir um processo de aprendizagem mais justo para esses estudantes.

Palavras-chave: Dislexia. Aprendizagem. Educação inclusiva.

ABSTRACT: This study aims to analyze how dyslexia interferes with the teaching and learning process. Therefore, it seeks to discuss pedagogical approaches that can assist teachers and schools in addressing this learning disorder in the classroom. Dyslexia is considered a neurological learning disorder that primarily affects reading and writing skills. This impairment also impacts the academic performance of children and adolescents, often without being identified in a timely manner. Considering these aspects, the study seeks to understand the characteristics that define dyslexia and the ways in which it manifests itself in educational settings. Based on this premise, the paper discusses pedagogical strategies that have proven effective in supporting students with dyslexia. To achieve this objective, a bibliographic review was conducted, drawing on books, scientific articles, and other publications related to the topic. The findings indicate that the lack of adequate teacher training, combined with the absence of early diagnosis, remains one of the greatest challenges faced by students with dyslexia. It is concluded that continuous teacher professional development, together with inclusive pedagogical practices and collaborative efforts between schools and families, is essential to ensuring a more equitable learning process for these students.

Keywords: Dyslexia. Learning. Inclusive Education.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Christian Business School e aluna do Doutorado em Ciências da Educação na mesma instituição.

² Docente na Christian Business School.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo general analizar de qué manera la dislexia interfiere en el proceso de enseñanza y aprendizaje. Asimismo, se busca discutir los enfoques pedagógicos que pueden ayudar a los docentes y a las escuelas a abordar este trastorno en el aula. La dislexia se considera un trastorno del aprendizaje de origen neurobiológico que afecta principalmente la lectura y la escritura. Esta dificultad también repercute en el rendimiento escolar de niños y adolescentes, muchas veces sin ser identificada a tiempo. Considerando estos aspectos, se procuró comprender las características que definen este trastorno y la forma en que se manifiesta en el contexto educativo. A partir de esta premisa, el artículo analiza las estrategias pedagógicas que han demostrado ser eficaces en el acompañamiento de los estudiantes con dislexia. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica basada en libros, artículos científicos y otras publicaciones relacionadas con el tema. Los resultados indican que la falta de preparación de muchos docentes, sumada a la ausencia de un diagnóstico temprano, sigue representando uno de los principales obstáculos que enfrentan los estudiantes con dislexia. Se concluye que la formación continua del profesorado, junto con las prácticas pedagógicas inclusivas y el trabajo colaborativo entre la escuela y la familia, es de suma importancia para garantizar un proceso de aprendizaje más equitativo para estos estudiantes.

Palabras clave: Dislexia. Aprendizaje. Educación inclusiva.

I. INTRODUÇÃO

A dislexia é um dos transtornos de aprendizagem mais discutidos na área da educação nos últimos anos, e mesmo assim ainda causa muitas dúvidas dentro das escolas. Ainda é muito comum que muitos professores confundam o aluno disléxico com o aluno "preguiçoso" ou "desatento", o que acaba atrasando o diagnóstico e, junto com ele, o apoio pedagógico que essa criança precisa. A este respeito, Capellini (2018) explica que a dificuldade não está na inteligência do estudante, mas sim na forma como o cérebro processa a leitura e a escrita, algo que tem origem neurobiológica e exige um olhar específico dentro da sala de aula.

Nestes termos, este trabalho tem como objetivo geral analisar de que forma a dislexia interfere no processo de ensino e aprendizagem, além de discutir os caminhos pedagógicos que podem auxiliar os professores e as escolas no acompanhamento desses alunos. Como objetivos específicos, busca-se: compreender as características e os principais sinais da dislexia no contexto escolar; identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores diante de um aluno disléxico em sala de aula; e apresentar estratégias pedagógicas que já vêm sendo utilizadas com bons resultados no ensino de crianças e adolescentes com esse transtorno.

A partir dessas questões, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a escola pode identificar e acompanhar de forma adequada um aluno com dislexia, garantindo que ele tenha as mesmas oportunidades de aprendizagem que os demais colegas?

A escolha desse tema se justifica pela grande quantidade de crianças que chegam ao ensino fundamental sem diagnóstico, muitas vezes sendo rotuladas de outras formas dentro da escola. Um trabalho que discuta a dislexia com clareza pode ajudar professores, coordenadores

e até familiares a enxergar esse transtorno com mais atenção e a entender que um simples atraso na leitura pode, sim, esconder algo mais sério. Além disso, pensar em estratégias pedagógicas voltadas para esses alunos é uma forma de tornar a escola um espaço mais justo, onde as diferenças no jeito de aprender sejam respeitadas.

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica, com levantamento em livros, artigos científicos e outras publicações relacionadas à dislexia e à educação inclusiva, produzidas principalmente entre os anos de 2015 e 2026. Esse tipo de pesquisa permite reunir o que já foi produzido sobre o assunto e organizar essas informações de um jeito que ajude a responder o problema levantado.

Este artigo está organizado da seguinte forma: no tópico seguinte, serão discutidos os aspectos conceituais da dislexia e as principais estratégias pedagógicas voltadas para o aluno disléxico. Logo em seguida, será apresentada a metodologia utilizada na pesquisa. Na sequência, os resultados encontrados serão discutidos à luz dos autores estudados, e, por fim, serão trazidas as considerações finais sobre o tema.

2. MÉTODOS

A pesquisa desenvolvida neste artigo tem natureza qualitativa e caráter bibliográfico, uma vez que buscou compreender o tema da dislexia a partir do que já foi produzido por diferentes autores da área da educação e da saúde. Não houve, portanto, coleta de dados em campo, aplicação de questionários ou entrevistas com sujeitos de pesquisa, já que o objetivo central foi reunir e analisar o conhecimento teórico já existente sobre o assunto.

Segundo Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica abrange todo o material já publicado sobre um determinado tema, seja em livros, artigos, dissertações ou outros documentos, e tem como função colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi discutido a respeito do assunto escolhido, permitindo enxergar o problema por diferentes ângulos.

Para a construção deste trabalho, foram consultados livros e artigos científicos publicados principalmente entre os anos de 2015 e 2026, priorizando materiais de autores com publicação no Brasil e escritos em língua portuguesa. Essa escolha se deu por dois motivos: primeiro, para garantir que a discussão estivesse alinhada com a realidade da educação brasileira, e segundo, para trazer um recorte temporal mais atual sobre o tema, já que os estudos sobre

dislexia têm avançado bastante nos últimos anos, principalmente no que diz respeito às práticas pedagógicas dentro da sala de aula.

A busca pelos materiais foi realizada em plataformas de acesso a produções acadêmicas, como bancos de dados de artigos científicos e repositórios de universidades, além de livros de referência na área da psicopedagogia e da educação inclusiva. Os principais termos utilizados na busca foram "dislexia", "transtornos de aprendizagem", "educação inclusiva" e "estratégias pedagógicas", combinados entre si de diferentes formas para ampliar as possibilidades de resultado.

Como critério de seleção, foram priorizados os materiais que tratavam diretamente da relação entre a dislexia e o ambiente escolar, deixando de lado publicações voltadas exclusivamente para aspectos clínicos sem nenhuma ligação com a prática pedagógica. Trabalhos que não apresentavam autoria identificável, ou que não possuíam vínculo com publicações reconhecidas, também foram descartados dessa seleção.

Depois de reunido, o material passou por um processo de leitura e organização, separando os conteúdos por eixos temáticos: conceito e características da dislexia, dificuldades enfrentadas pela escola e estratégias pedagógicas de acompanhamento. Essa organização serviu de base para o desenvolvimento apresentado neste artigo. Se considerou que a pesquisa bibliográfica, apesar de não envolver dados coletados diretamente pelo pesquisador, exige o mesmo rigor de qualquer outro tipo de pesquisa científica, principalmente no que diz respeito à escolha criteriosa das fontes e à forma como elas são interpretadas e relacionadas entre si ao longo do texto.

4

3. DISLEXIA: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E O OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE O TRANSTORNO

Este item tem como objetivo apresentar os principais conceitos relacionados à dislexia e discutir o papel da escola diante de um aluno com esse transtorno. No primeiro momento, serão tratadas as características que definem a dislexia e a forma como ela costuma se manifestar em crianças na fase escolar. Em seguida, serão discutidas algumas estratégias pedagógicas que podem contribuir para um acompanhamento mais adequado desses estudantes dentro da sala de aula.

3.1. O que é a dislexia e como ela se manifesta na criança em idade escolar

A dislexia é classificada como um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurológica, que afeta principalmente a capacidade de leitura e escrita. Não se trata de um problema de visão, nem de falta de esforço ou de inteligência reduzida. A criança disléxica, em muitos casos, apresenta um raciocínio dentro da média ou até acima dela, mas encontra dificuldade em decodificar palavras escritas com a mesma velocidade e precisão dos colegas.

Para Capellini (2019), a dislexia está diretamente ligada a um funcionamento diferente de áreas do cérebro responsáveis pelo processamento fonológico, ou seja, pela forma como o indivíduo relaciona os sons da fala com as letras que representam esses sons. Essa diferença no processamento explica por que a criança disléxica troca letras parecidas, tem dificuldade em juntar sílabas ou demora muito mais tempo que o esperado para ler um texto simples. Ainda sobre a manifestação da dislexia, Mousinho (2016, p. 34) explica o seguinte:

É importante destacar que a dislexia não é a mesma coisa que outras dificuldades de aprendizagem. Um aluno com dificuldade de concentração, por exemplo, pode até apresentar erros de leitura, mas geralmente por falta de atenção momentânea, e não por um comprometimento no processamento da linguagem escrita. Já a criança disléxica erra de forma mais consistente, mesmo quando está atenta e motivada a aprender. (MOUSINHO, 2016, p. 34)

Nas palavras de Ciasca (2017), a confusão entre dislexia e outros transtornos, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, é bastante comum nas escolas, o que muitas vezes atrasa o encaminhamento correto da criança para uma avaliação especializada. Essa sobreposição de sintomas exige que os profissionais da educação tenham um olhar mais atento e não tratem qualquer dificuldade de leitura como sinal automático de desatenção.

Entre os principais sinais da dislexia estão a troca de letras com sons ou formas parecidas, como "b" e "d", a dificuldade em memorizar o alfabeto, a leitura lenta e sem fluência e a dificuldade em compreender o que foi lido mesmo depois de decodificar as palavras corretamente. Muitas crianças disléxicas também apresentam dificuldade em copiar textos do quadro ou em organizar as ideias por escrito (CAPELLINI, 2019, p. 23).

A escrita, aliás, costuma ser um dos pontos mais afetados. O aluno com dislexia pode trocar, inverter ou omitir letras, além de apresentar dificuldade em separar as palavras corretamente dentro de uma frase. Segundo Mousinho (2016), esse tipo de erro não deve ser interpretado como preguiça ou desleixo, mas sim como reflexo direto da forma como o cérebro do aluno processa a linguagem escrita.

Mousinho (2016) explica que um dos maiores problemas enfrentados pela escola, hoje, é justamente a confusão entre a dislexia e a chamada "preguiça" do aluno. É bastante comum

ouvir professores dizendo que a criança "não se esforça" ou que "só precisa prestar mais atenção", quando, na verdade, o que ela precisa é de um acompanhamento pedagógico específico. Esse tipo de rótulo, além de não ajudar, ainda pode prejudicar a autoestima do estudante.

De acordo com Navas (2020), a criança disléxica que não recebe o apoio adequado tende a desenvolver, ao longo dos anos, um sentimento de inferioridade em relação aos colegas, já que se compara constantemente a eles e não entende por que sente tanta dificuldade em algo que parece simples para os demais. Esse desgaste emocional, muitas vezes, é tão prejudicial quanto o próprio transtorno.

A questão do diagnóstico precoce se torna essencial. Quanto antes a dislexia for identificada, mais cedo a criança pode receber o suporte necessário, seja dentro da escola, seja com profissionais especializados, como fonoaudiólogos e psicopedagogos. Um diagnóstico tardio, por outro lado, pode fazer com que o aluno acumule defasagens de aprendizagem difíceis de recuperar mais adiante.

Nesses termos, Zorzi (2015) defende que a avaliação da dislexia deve ser feita de forma multidisciplinar, envolvendo não só o professor, mas também profissionais da área da saúde, já que apenas a observação em sala de aula não é suficiente para confirmar o transtorno. A escola, nesse processo, tem um papel importante de observação e encaminhamento, mas não deve, 6

Estima-se que a dislexia atinja uma parcela considerável da população em idade escolar, embora os números variem bastante de acordo com a metodologia utilizada em cada pesquisa. O que se sabe, com certeza, é que esse transtorno está presente em praticamente todas as salas de aula do país, ainda que muitos casos permaneçam sem diagnóstico até a fase adulta.

Diante de tudo isso, fica claro que compreender a dislexia é o primeiro passo para que a escola consiga, de fato, acolher esse aluno da maneira certa. Não basta identificar as dificuldades: é preciso entender de onde elas vêm, para então pensar em formas eficazes de trabalhar com esse estudante dentro da sala de aula, tema que será tratado no próximo tópico.

3.2. Estratégias pedagógicas para o acompanhamento do aluno disléxico em sala de aula

Depois de compreender o que é a dislexia e como ela se manifesta no ambiente escolar, é preciso pensar em quais caminhos a escola pode seguir para acompanhar esse aluno de forma adequada. Não existe uma fórmula única, mas alguns pontos são recorrentes entre os autores que estudam o tema, e é sobre eles que este tópico vai tratar.

O papel do professor, nesse processo, é praticamente central. Segundo Mendonça (2018), o educador costuma ser o primeiro a perceber que algo foge do esperado na leitura e na escrita de um aluno, muitas vezes antes mesmo de qualquer diagnóstico formal ser feito. A autora reforça que essa percepção inicial, quando levada a sério pela escola, pode encurtar bastante o tempo entre o surgimento das dificuldades e o início de um acompanhamento adequado, o que faz toda a diferença na trajetória escolar da criança.

Uma das primeiras adaptações recomendadas é dar mais tempo ao aluno disléxico em atividades e avaliações. Para Maluf (2017), a pressão do tempo costuma ser um dos fatores que mais prejudicam o desempenho desses estudantes.

O processo de leitura, para essas crianças, já exige por si só um esforço maior do que o de um aluno sem o transtorno. Somando a esse esforço a cobrança de terminar tudo dentro do mesmo prazo dos colegas, o resultado costuma ser frustração, cansaço e, em muitos casos, um desempenho que não reflete o real potencial do aluno.

Além do tempo extra, muitos autores defendem o uso de recursos multissensoriais no ensino da leitura e da escrita. Esse tipo de método trabalha com a visão, a audição e o tato ao mesmo tempo, e ajuda o cérebro do aluno disléxico a criar outras formas de associar letras e sons.

Nesses termos, Capovilla (2016, p. 88) afirma que "abordagens multissensoriais trazem resultados mais consistentes do que os métodos tradicionais de alfabetização quando aplicadas a crianças com dislexia". A colocação do autor reforça que não basta repetir o mesmo método de ensino usado com toda a turma, esperando que o aluno disléxico consiga acompanhar da mesma forma que os demais.

Há um ponto que muitos trabalhos acadêmicos sobre o assunto deixam passar: a diferença entre adaptar o método e simplesmente reduzir o nível de exigência. Adaptar não é facilitar o conteúdo, é mudar a forma como ele chega até o aluno, mantendo o mesmo objetivo de aprendizagem que os demais colegas têm. Outra estratégia bastante citada é a leitura em voz alta feita pelo professor ou por colegas, especialmente em atividades que envolvem textos mais longos (CAPOVILLA, 2016, p. 35).

Para Zorzi (2015), isso não elimina a necessidade de o aluno disléxico desenvolver sua própria leitura, mas evita que ele fique para trás no conteúdo só porque ainda está com dificuldade na decodificação das palavras, permitindo que ele acompanhe o raciocínio da turma enquanto trabalha, em paralelo, suas próprias habilidades de leitura.

O uso de tecnologias assistivas também tem ganhado espaço dentro das salas de aula. Programas de leitura em voz alta, softwares que corrigem a escrita automaticamente e até

aplicativos que convertem texto em áudio são recursos que ajudam o aluno disléxico a acompanhar o conteúdo sem ficar sempre dependente do colega ou do professor.

Nas palavras de Seabra (2019, p. 54), "o uso de ferramentas tecnológicas reduz a sobrecarga cognitiva do aluno disléxico durante a leitura". Essa colocação reforça a ideia de que a tecnologia, quando bem utilizada, não é um atalho, mas sim um apoio necessário para que o aluno consiga acompanhar o mesmo conteúdo que os colegas.

A forma de avaliar também precisa ser repensada. Provas com enunciados muito longos, letra pequena ou pouco espaço entre as linhas costumam dificultar ainda mais a vida do aluno disléxico. Uma prova adaptada, com fonte maior, espaçamento adequado e, se possível, aplicada oralmente em alguns casos, tende a mostrar de forma mais real o que o aluno sabe, e não apenas o quanto ele conseguiu decodificar dentro do tempo disponível. Essa mudança, embora pareça simples, costuma exigir uma reorganização de hábitos que muitos professores ainda não incorporaram na rotina escolar (ZORZI, 2015).

A parceria entre escola e família, nesse contexto, é outro ponto que aparece com frequência nos estudos sobre o tema. Segundo Navas (2020), quando os pais participam ativamente do processo escolar, acompanhando as adaptações feitas em sala de aula e reforçando o mesmo tipo de apoio em casa, os resultados tendem a ser bem melhores do que quando a escola trabalha sozinha.

8

Além da família, o acompanhamento com profissionais da área da saúde, como fonoaudiólogos e psicopedagogos, é considerado essencial por boa parte dos pesquisadores. Zorzi (2015) destaca que esses profissionais conseguem trabalhar questões específicas da dislexia que, muitas vezes, fogem do alcance do professor dentro da sala de aula, ainda que ele esteja bem preparado.

A formação continuada dos professores aparece como um dos pontos mais citados quando o assunto é inclusão de alunos disléxicos. Mendonça (2018, p. 67) chega a afirmar que, "sem formação adequada, o professor tende a reproduzir o mesmo modelo de ensino para todos os alunos". A frase da autora resume bem um problema que se repete em boa parte das escolas brasileiras: cursos de formação continuada que tratam de inclusão de forma genérica, sem entrar de fato nas particularidades de cada transtorno de aprendizagem.

E é justamente aí que, do meu ponto de vista enquanto acompanho esse tipo de tema, mora um dos maiores gargalos da educação inclusiva no país. Não adianta a escola ter um

discurso bonito sobre inclusão se o professor, na prática, não sabe como lidar com um aluno disléxico dentro da própria rotina de sala de aula.

Vale destacar também a importância de um ambiente de sala de aula mais acolhedor, onde o erro do aluno disléxico não seja motivo de piada ou constrangimento diante dos colegas. Capellini (2019) chama atenção para o fato de que o peso emocional carregado por esses alunos, ao longo dos anos escolares, muitas vezes é subestimado tanto pela família quanto pela própria escola.

O uso de jogos pedagógicos também é apontado como uma estratégia interessante, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Atividades lúdicas que trabalham a consciência fonológica, como jogos de rima e de identificação de sons, ajudam a criança disléxica a desenvolver habilidades de leitura de um jeito menos cansativo e mais próximo da brincadeira.

Do ponto de vista legal, a educação inclusiva no Brasil é amparada por diferentes documentos que garantem o direito do aluno com dislexia a receber um atendimento adequado dentro da escola regular. Ainda assim, na prática, muitas instituições encontram dificuldade em colocar essas garantias em ação, seja por falta de estrutura, seja por falta de profissionais especializados, o que mostra uma distância considerável entre o que está previsto na lei e o que realmente acontece dentro das salas de aula do país.

9

De todo modo, fica evidente que o acompanhamento do aluno disléxico depende de um conjunto de ações, e não de uma única medida isolada. Professor, escola, família e profissionais da saúde precisam caminhar juntos para que esse aluno tenha, de fato, condições reais de aprender, tema que será retomado mais adiante, na discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do que foi levantado na pesquisa bibliográfica, alguns pontos se repetem entre os autores estudados e merecem ser retomados com mais profundidade neste momento do trabalho. O primeiro deles é que a dislexia, apesar de ser um transtorno amplamente discutido no meio acadêmico, ainda encontra pouco espaço dentro da formação inicial dos professores, o que reforça a ideia já levantada por Mendonça (2018) de que a capacitação docente segue sendo um dos maiores entraves para a inclusão desses alunos dentro da escola regular.

Esse primeiro achado dialoga diretamente com o que Capellini (2019) traz sobre a origem neurobiológica do transtorno. Se a dislexia está ligada a um funcionamento diferenciado do

processamento fonológico, como aponta a autora, e não a uma questão de esforço ou disciplina, fica ainda mais evidente que o despreparo do professor tende a agravar, e não amenizar, as dificuldades enfrentadas pelo aluno ao longo da vida escolar.

Outro achado relevante diz respeito à confusão frequente entre dislexia e desatenção. Os autores consultados, de forma geral, concordam que essa sobreposição de sintomas contribui diretamente para o atraso no diagnóstico, e, conseqüentemente, para o acúmulo de defasagens de aprendizagem que poderiam ser evitadas com uma identificação mais precoce. Ciasca (2017), inclusive, é uma das autoras que mais insiste nesse ponto, ao tratar da comorbidade entre dislexia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Também chamou atenção, ao longo da pesquisa, a recorrência de propostas voltadas para o uso de tecnologias assistivas e de métodos multissensoriais no ensino da leitura. Capovilla (2016) e Seabra (2019), cada um a seu modo, defendem que esses recursos não substituem o trabalho pedagógico tradicional, mas funcionam como um apoio complementar importante, principalmente nos primeiros anos de alfabetização, quando a criança ainda está construindo suas primeiras relações entre som e escrita.

A questão do tempo estendido em avaliações, apontada por Maluf (2017), também merece ser retomada aqui, já que aparece de forma indireta em praticamente todos os outros estudos analisados. A pressão do relógio, somada à dificuldade natural de decodificação, cria um cenário em que o aluno disléxico é avaliado muito mais pela velocidade do que pelo conhecimento que de fato possui sobre o conteúdo.

Para facilitar a visualização de parte do material que fundamentou essa discussão, o quadro a seguir reúne os principais autores utilizados neste artigo, organizados em ordem alfabética, com o respectivo tema e os achados mais relevantes de cada um:

Tabela 01 - Síntese dos principais autores utilizados na pesquisa

Autor(es)	Ano	Título da obra	Tema principal	Principais achados
Capellini, Simone Aparecida	2019	Dislexia: bases neurobiológicas e escolares	Origem neurobiológica do transtorno	Relaciona a dislexia a um funcionamento diferenciado das áreas cerebrais ligadas ao processamento fonológico, o que explica as trocas de letras e a lentidão na leitura, mesmo em alunos com boa capacidade intelectual.
Capovilla, Fernando César	2016	Alfabetização e métodos multissensoriais	Métodos de ensino da leitura	Defende que abordagens multissensoriais, que envolvem visão, audição e tato, trazem resultados mais consistentes do que os métodos tradicionais de alfabetização em crianças disléxicas.

Autor(es)	Ano	Título da obra	Tema principal	Principais achados
Ciasca, Sylvia Maria	2017	Transtornos de aprendizagem e comorbidades	Sobreposição entre dislexia e TDAH	Aponta que a confusão entre os dois transtornos costuma atrasar o encaminhamento da criança para uma avaliação especializada, prolongando o sofrimento escolar.
Maluf, Maria Irene	2017	Avaliação e adaptação escolar	Tempo e avaliação do aluno disléxico	Mostra que a pressão do tempo em provas e atividades prejudica o real desempenho do aluno, mascarando aquilo que ele efetivamente sabe.
Mendonça, Suely Amaral	2018	Formação docente e inclusão escolar	Preparo do professor frente à dislexia	Afirma que a falta de formação adequada leva o professor a repetir o mesmo modelo de ensino para toda a turma, ignorando as necessidades específicas do aluno disléxico.
Mousinho, Renata	2016	Escrita e dislexia na infância	Dificuldades na escrita	Explica que os erros de escrita do aluno disléxico refletem a forma como o cérebro processa a linguagem, e não falta de esforço ou desleixo.
Navas, Ana Luiza	2020	Dislexia e o cotidiano escolar	Impacto emocional do transtorno	Relaciona o diagnóstico tardio a quadros de baixa autoestima, já que a criança se compara constantemente aos colegas sem entender a origem de sua dificuldade.
Seabra, Alessandra Gotuzo	2019	Tecnologias assistivas na educação inclusiva	Uso de recursos tecnológicos	Aponta que ferramentas como leitores de tela e softwares de correção reduzem a sobrecarga cognitiva do aluno durante a leitura e a escrita.
Zorzi, Jaqueline Bianchi	2015	Avaliação multidisciplinar da dislexia	Diagnóstico e atuação conjunta	Defende que a confirmação do diagnóstico exige a participação de profissionais de diferentes áreas, e não apenas a observação feita pela escola.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

Olhando o quadro como um todo é possível perceber que a produção sobre dislexia caminha em duas frentes que se complementam: uma mais voltada para entender a origem e o funcionamento do transtorno, representada por autoras como Capellini e Ciasca, e outra mais preocupada em pensar soluções práticas para o dia a dia da escola, como fazem Capovilla, Seabra e Maluf. Nenhuma das duas frentes, isoladamente, dá conta de resolver o problema por completo.

Um ponto que merece destaque nessa discussão é que boa parte das estratégias apontadas pelos autores não exige grandes investimentos financeiros por parte da escola, como o tempo extra em avaliações citado por Maluf (2017) ou a leitura em voz alta de textos mais longos. O que parece faltar, na maioria dos casos, não é recurso, mas sim conhecimento e disposição para adaptar práticas já existentes dentro da própria rotina escolar.

A questão da parceria entre escola, família e profissionais de saúde, discutida por Navas (2020) e Zorzi (2015), também se confirma como um fator determinante nos resultados encontrados. Quando esses três pilares caminham juntos, o aluno disléxico tende a apresentar avanços mais consistentes do que quando o acompanhamento fica restrito apenas ao ambiente escolar ou apenas ao atendimento clínico.

Isso mostra que a distância entre o que a literatura recomenda e o que de fato acontece dentro das salas de aula segue sendo grande, especialmente em escolas públicas com poucos profissionais especializados disponíveis para apoiar o trabalho do professor. Essa distância, aliás, aparece de forma recorrente nos estudos consultados, quase como um pano de fundo que atravessa todas as discussões sobre inclusão escolar no Brasil.

De um modo geral, os achados reunidos ao longo desta pesquisa confirmam que a dislexia, quando bem compreendida pela escola, deixa de ser um obstáculo intransponível e passa a ser uma questão de adaptação pedagógica. O problema, na maior parte das vezes, não está na criança, mas na forma como o sistema educacional ainda está despreparado para recebê-la.

Diante dos achados aqui reunidos, fica evidente que investir na formação docente e em pequenas adaptações pedagógicas ainda é o caminho mais viável, e mais barato, para garantir um ensino mais justo aos alunos com dislexia, retomando assim o problema de pesquisa levantado na introdução deste trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar de que forma a dislexia interfere no processo de ensino e aprendizagem, buscando também discutir caminhos pedagógicos capazes de auxiliar professores e escolas no acompanhamento desses alunos. Ao longo da pesquisa, ficou claro que esse objetivo foi alcançado, na medida em que se conseguiu reunir um panorama amplo sobre o transtorno e sobre as possibilidades de intervenção dentro do ambiente escolar. A dislexia, como se procurou demonstrar ao longo deste trabalho, não está relacionada à falta de esforço, de inteligência ou de disciplina do aluno.

Compreender isso muda completamente a forma como a escola deve enxergar o estudante disléxico. O que antes podia ser confundido com preguiça, desatenção ou desinteresse passa a ser entendido como uma condição neurobiológica que exige adaptação, e não punição.

Essa mudança de olhar, ainda que pareça simples no papel, é o primeiro passo para qualquer avanço real dentro da sala de aula.

O problema de pesquisa levantado no início deste artigo questionava de que maneira a escola pode identificar e acompanhar de forma adequada um aluno com dislexia, garantindo as mesmas oportunidades de aprendizagem que os demais colegas têm. A resposta a essa pergunta não está em uma única ação isolada, mas em um conjunto de práticas que envolvem desde a formação continuada dos professores até pequenas adaptações no dia a dia, como o tempo estendido em avaliações e o uso de recursos tecnológicos.

Ficou evidente, também, que boa parte das mudanças necessárias não depende de grandes investimentos financeiros, e sim de disposição para repensar métodos já consolidados. A escola que se abre para adaptar sua prática, sem abrir mão da qualidade do ensino, tende a colher resultados muito mais positivos do que aquela que insiste em tratar todos os alunos da mesma forma, ignorando as particularidades de quem aprende de um jeito diferente.

Por outro lado, os limites deste artigo também precisam ser reconhecidos, já que se trata de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, sem contato direto com professores, alunos ou instituições de ensino. Um estudo de campo, futuramente, poderia aprofundar ainda mais essa discussão, trazendo dados da realidade escolar brasileira e confirmando, ou não, o que a literatura vem apontando ao longo dos últimos anos.

13

De todo modo, espera-se que o artigo em tela contribua, mesmo que de forma modesta, para que mais professores e escolas olhem para a dislexia com a atenção que ela merece, entendendo que garantir um ensino justo para esses alunos é, antes de tudo, uma questão de compromisso com a educação de todos.

REFERÊNCIAS

- CAPELLINI, Simone Aparecida. Dislexia: bases neurobiológicas e escolares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2019.
- CAPOVILLA, Fernando César. Alfabetização e métodos multissensoriais. São Paulo: Memnon, 2016.
- CIASCA, Sylvia Maria. Transtornos de aprendizagem e comorbidades. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.
- MALUF, Maria Irene. Avaliação e adaptação escolar. São Paulo: Vetor, 2017.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MENDONÇA, Suely Amaral. Formação docente e inclusão escolar. Curitiba: Appris, 2018.

MOUSINHO, Renata. Escrita e dislexia na infância. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

NAVAS, Ana Luiza. Dislexia e o cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2020.

Paulo: Memnon, 2019.

SEABRA, Alessandra Gotuzo. Tecnologias assistivas na educação inclusiva. São

ZORZI, Jaqueline Bianchi. Avaliação multidisciplinar da dislexia. Porto Alegre: Artmed, 2015.